

PRIMEIRO TEMPO: FUTEBOL, SOCIABILIDADE E AS TENSÕES DA MODERNIDADE EM NOVO HAMBURGO

Cleber Cristiano Prodanov¹ e Luiz Antonio Gloger Maroneze²

Resumo: Este artigo analisa a introdução do futebol no sul do Brasil, mais especificamente no Rio Grande do Sul e seu desenvolvimento nas áreas de colonização europeia, especialmente a cidade de Novo Hamburgo. Procura-se fazer uma relação entre o desenvolvimento da cidade e as suas práticas sociais atreladas ao imaginário da modernidade, tendo o futebol como um elemento do novo nessa comunidade nascente que faz a passagem da situação colonial agrícola, e depois artesanal, para o mundo urbano industrial.

Palavras-chave: Futebol; modernidade; cidade.

First half: soccer, sociability and the tensions of modernity in Novo Hamburgo

Abstract: This article analyzes the introduction of football in Southern Brazil and its development in the areas of European colonization especially the city of Novo Hamburgo. It tries to link the development of the town, its practices and imaginary of modernity with football as a new element of this nascent community, which changes from a colonial situation in agriculture to the urban craft industry.

Keywords: Football, modernity, city.

¹ Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo/USP. Professor titular do programa de Processos e Manifestações Culturais e pesquisador da Universidade Feevale, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul. E-mail: prodanov@feevale.br

² professor adjunto da Universidade Feevale e professor permanente do programa de Processos e Manifestações Culturais nesta universidade (Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil). E-mail: luizmaroneze@feevale.br

Introdução

O objetivo deste artigo é investigar a inclusão da prática do futebol na cidade de Novo Hamburgo nas primeiras décadas do século XX, momento de grande expansão industrial e emancipação política. Trata-se de estabelecer ligações entre aspectos de um processo histórico maior, a modernidade urbana no Brasil, com as especificidades da penetração do futebol na região e na cidade, trazendo à tona nuances cotidianos, micro-históricos, que informem sobre as características, os efeitos e as formas como o futebol foi assimilado na cidade.

No primeiro momento, apresenta-se o percurso e as influências históricas do esporte, que chega ao Rio Grande do Sul pela fronteira platina, e os desdobramentos da inserção dele no estado. Salienta-se aqui a presença teuto-brasileira e as formas desta etnia em se apropriar da prática do esporte bretão. Ainda, nesta seção, o artigo procura estabelecer ligações entre a penetração das ideias modernas no Brasil e na capital do Estado com a expansão de uma cultura esportiva e do futebol, buscando estabelecer associações com as estratificações econômicas e étnicas. O esporte, como parte de um estilo de se viver as cidades, como forma de sociabilidade moderna, impõe-se de maneira massificada e é traduzido pelos distintos grupos locais.

Na seção propriamente dedicada a Novo Hamburgo são estabelecidas relações entre o discurso modernizante, as alterações urbanas e as mudanças nos costumes, incluindo aqui a penetração do futebol. As divisões econômicas e sociais da sociedade hamburguense são explicitadas então através das “divisões futebolísticas”, bem como as distinções internas da etnia teuto-brasileira e suas relações com os “outros”: “negros e brasileiros”. Essas estratificações e as sociabilidades que elas engendram são tratados aqui como um caminho de acesso as representações sociais que aquela sociedade elabora no momento em que a cidade incorpora e traduz um ideário moderno.

Assim, a análise pretende aproximar-se da perspectiva teórica da História Cultural, corrente que entende a lógica social como complexa, conflitante e perpassada por variados discursos sociais. Para Pesavento, “a cidade está destinada a ser centro de conflito” (PESAVENTO, 2002). Nela os jogos de poder políticos são expressos na tensão entre as diferentes perspectivas simbólicas na arena da cultura. Neste sentido, o futebol é aqui entendido como manifestação cultural e expressão das hierarquias sociais no Novo Hamburgo do início do século XX.

Os primeiros lances do futebol no Rio Grande do Sul

O futebol foi introduzido no Brasil no final do século XIX e, rapidamente, incorporou-se à dinâmica cultural do país. No decorrer do século XX ele transcendeu à concepção de esporte elitista de seus primeiros tempos e passou à condição de futebol negócio e espetáculo globalizado nos dias atuais. Ao longo de sua implantação e consolidação

em terras brasileiras, o futebol afirmou-se como um dos mais importantes elementos da formação da identidade nacional, fazendo parte do cotidiano de todos os estratos sociais. Em suas distintas fases o futebol acompanha e, em alguns momentos, participa de maneira privilegiada dos processos históricos verificados na sociedade brasileira. Inicia como elemento de uma pequena elite; torna-se paixão popular integradora; vira profissão, caminho de afirmação nacional e também um “[...] negócio milionário e global dentro do qual o Brasil representa importante papel” (MÁXIMO, 1999, p. 183).

Nas primeiras décadas do século XX, o futebol desenvolve-se de forma expressiva no Rio Grande do Sul, em concomitância, a despeito de suas especificidades, com os outros Estados brasileiros. Nesse período efervescente para o esporte, vários clubes foram criados em localidades gaúchas, especialmente em Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre, cidades que iniciam o movimento de introdução no sentido litoral-interior, ensejando uma multiplicação de equipes esportivas (PRODANOV, 2009). As primeiras bolas de futebol e os demais equipamentos para a prática do esporte apareceram na cidade portuária de Rio Grande e em cidades próximas à fronteira com o Uruguai e a Argentina.

A influência argentina e uruguaia no modo de jogar e de organizar o futebol no Rio Grande do Sul foram marcantes em todas as regiões do Estado, e principalmente nas fronteiras, onde a chegada das companhias de trem, seus passageiros e trabalhadores marcariam definitivamente o futebol do Rio Grande do Sul (JESUS, 2003). É o caso, por exemplo, de clubes como o 14 de Julho (1902) de Santana do Livramento e do *Sport Club Bagé* (1906), tradicionais representantes desse processo histórico.

Em paralelo à influência platina na formação dos clubes de futebol na região da campanha sul-rio-grandense, tem-se na capital Porto Alegre e na região colonial³ uma sensível participação dos imigrantes alemães na expansão do esporte: a disseminação do futebol entre as regiões coloniais do Rio Grande do Sul teve forte influência dos teuto-brasileiros (DAMO, 1999).

A presença dos teuto-brasileiros é também citada nos primórdios do futebol na região do litoral sul do Estado. É o caso, por exemplo, da fundação do *Sport Club* Rio Grande, em 19 de julho de 1900.

[...] esse foi o primeiro clube de futebol criado no RS, contou com a participação majoritária e decisiva de alemães, pois foi um hamburguês chamado Minnermann seu principal articulador e eram de origem germânica a grande maioria dos fundadores do clube (JESUS, 2001, p. 1).

³ A chamada Região Colonial do Rio Grande do Sul denomina de forma genérica as áreas colonizadas por imigrantes germânicos e italianos. Os assentamentos, iniciados em 1824 na região do Vale do Rio dos Sinos com os primeiros grupos germânicos e intensificados, a partir de 1875, com a colonização da Serra por diferentes etnias italianas, foram fundamentais para o desenvolvimento econômico do Estado do Rio Grande do Sul. São Leopoldo e Novo Hamburgo de origem germânica e Caxias do Sul e Bento Gonçalves, oriundas de povoamentos italianos, são hoje as cidades mais expressivas.

No caso de Porto Alegre, capital do Estado e cidade que na virada do século XX vivencia ampla expansão econômica e demográfica, a presença germânica é também proeminente na cultura esportiva. Segundo os cronistas da época, como Theodemiro Tostes e Augusto Meyer, a influência dos imigrantes alemães e seus descendentes foi marcante também nas socialidades, na arquitetura e no imaginário da Capital. Ao integrarem decisivamente o processo de urbanização e industrialização que foi intensificado com a República, a comunidade germânica impõe-se como grupo étnico e se faz notar em vários domínios sociais até o início da Segunda Guerra Mundial. Laitano lembra no livro de memórias do jornalista Carlos Reverbel, que “se o Rio era português, Porto Alegre nos anos 30 era uma cidade germanizada, com traços característicos de que não se faz ideia hoje” (LAITANO e REVERBEL, 1993, p. 62).

Segundo Guazzelli (2000) nesta ambiência de profundas alterações históricas, ocorre o surgimento dos dois primeiros clubes de futebol da Capital. Em 1903, foram fundados no mesmo dia (15 de setembro) o Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegrense e o *Fussball Club* Porto Alegre. Essa última agremiação manteve-se enquanto clube durante décadas, porém encerrou suas atividades nos anos 1940, tornando-se o primeiro clube a formar uma equipe que não era composta exclusivamente por pessoas de origem germânica.

Os clubes de futebol surgidos nas diferentes regiões do Estado e, no caso específico de Novo Hamburgo, funcionaram como expressão das complexidades sociais e atuaram como catalisadores de opções identitárias dos grupos sociais envolvidos. O surgimento de vários clubes nas cidades do Estado, no início do século XX, explicitou também, à sua maneira, as divisões simbólicas daquelas sociedades com clubes que representam grupos sociais, étnicos e econômicos distintos, além disso, a expansão do futebol entre os teuto-brasileiros ocorre dentro das tradições inerentes à etnicidade germânica. Os clubes para a prática do futebol significaram a continuação de uma lógica social que, desde os primeiros núcleos urbanos, se expressou em clubes de tiro, de canto, de música e de outros esportes (PETRY, 1944, p. 89-92).

As associações ligadas às igrejas e as escolas também denotam essas formas sociais típicas, atuando como expressão identitária dessas comunidades. Desde os anos iniciais após a chegada dos primeiros imigrantes germânicos ao Brasil e especialmente após 1850, essas práticas aparecem de forma explícita nas referências históricas, o que permite entender a “natural” apropriação e popularização do futebol pelas comunidades acima referidas (PRODANOV, 2008).

Em paralelo com a riqueza gerada pelo couro e pelo calçado, na primeira metade do século XX, Novo Hamburgo acompanhou as tendências esportivas da época incorporando o futebol às tradições

clubistas já arraigadas.⁴ Nesse sentido, vale lembrar que a cidade possuía, na virada do século, clubes de tiro, de ginástica, de canto, de bolão, assim como os seus conterrâneos teuto-brasileiros possuíam em Porto Alegre. Acredita-se aqui que essas tradições tenham facilitado a incorporação do futebol às práticas culturais da cidade já nas primeiras décadas do século XX, adquirindo rápida relevância no cenário esportivo.

A industrialização e a penetração do pensamento moderno encontram paralelos em muitas outras cidades brasileiras, como o Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, por exemplo. A formação dos clubes de futebol no Brasil imbricam-se nesse processo, em que ideias, representações e efetivas transformações econômicas e políticas dão início a uma nova dinâmica a sociedade brasileira.⁵ A literatura historiográfica tem vasta produção no sentido de explicar as fundamentais transformações pelas quais o país passou nesse período, dando conta, entre outras questões, da inclusão das “massas” no cenário político (GOMES, 1996).

Nesse contexto, os distintos clubes passam a refletir, em parte, as diferenças identitárias nesses espaços urbanos que se complexificavam, e incorporam novas formas sociais. As diferenças transpostas simbolicamente para as quatro linhas traduzem, à sua maneira, as tensões dos ambientes sociais aos quais pertencem. Como lembra Silva (2009), “[...] na rivalidade esportiva, existe uma economia simbólica de alguma forma ligada à história dos clubes e das relações entre os diferentes grupos sociais”.

Na Porto Alegre do início do século XX, que também vivia um processo de ufanismo modernizante, são fundados aqueles que se tornariam os dois principais clubes de futebol do estado do Rio Grande do Sul: o Grêmio de *Foot-Ball* Porto-Alegrense, em 1903 e o *Sport Club* Internacional, em 1909. Outras agremiações, fundadas na mesma época, tiveram diferentes projeções e permanências, mas a dicotomia “Grenal” termina por se impor e domina o imaginário gaúcho até hoje. Segundo Guedes (1998) também aqui ocorreu um processo identificação, de afinidade eletiva, que de uma forma geral divide a elite do povo.

A virada do século e as primeiras décadas do século XX foram um período marcado também por certa secularização dos costumes em Porto Alegre e nas principais cidades do país. Nessa época, o imaginário das grandes metrópolis e suas “formas sociais” alteram a estética das cidades e dos comportamentos cotidianos em muitas cidades brasileiras. As traduções da modernidade nesses locais se expressam através das sociabilidades públicas e suas teatralizações em oposição às formas

⁴ Interessante incluir aqui a problematização de Dias (2012) sobre os “caminhos” e as diferentes formas de incorporação do futebol nas cidades e sertões do país. Ele critica uma certa cultura acadêmica que parte do princípio de que as pequenas cidades e comunidades rurais seguem de forma automática as tendências dos grandes centros. No caso do Rio Grande do Sul, em especial, o que se sabe é que a influência platina sobre o futebol foi sensível, contudo a influência cultural da Capital pode ser percebida em vários aspectos.

⁵ Entre a virada do século e o fim da Era Vargas o Brasil torna-se um país urbano em termos culturais e políticos, mesmo que população das cidades só tenha ultrapassado a rural em meados da década de 1960.

tradicionais e religiosas; o culto às ruas, os encontros nos cafés e a valorização de uma vida mais mundana ligada ao consumo, ao indivíduo e ao corpo abrem espaço também aos esportes (MARONEZE, 1994).

Sevcenko (1992), comentando a realidade de São Paulo dessa época, afirma que os esportes constituíram-se num traço diacrítico de um discurso cultural associado ao movimento e à velocidade. A explosão urbana da capital paulista teve, nos esportes, um canal legítimo de representação: a velocidade e a disciplina exigidas para a produção da vida moderna necessitavam de indivíduos preparados. Segundo Sevcenko (1992), os esportes modernos foram inventados justamente para preparar fisicamente e psicologicamente as pessoas a nova realidade urbana que então se constituía. Dessa forma, as práticas esportivas, na medida em que estavam associadas à modernidade e aos novos discursos sociais, assumem rapidamente uma posição de destaque na lógica cultural das grandes cidades, ecoando e sendo traduzidas também de distintas formas nas pequenas comunidades urbanas ou rurais.⁶

Para além das diferenças sociais demarcadas pelos clubes em suas cidades, o futebol também funcionou e ainda funciona como uma forma de sociabilidade, uma estrutura subjetiva e discursiva que aglutina; permite conversas, aproxima indivíduos de diferentes posições econômicas e estamentais. Os esportes no geral, e o futebol de maneira mais específica, atuam como uma “linguagem amalgamadora”, como uma “forma social” estruturada pela busca da “convivência sociável”, do “estar junto”, substituindo, nas cidades modernas, as antigas tradições que cumpriam esse papel (SIMMEL, 2006). As conversas sobre futebol estabelecem uma linguagem comum, um espaço simbólico que une e demarca diferenças ao mesmo tempo. Neste sentido, o futebol é filho do espírito moderno que tem, na “cultura pública” e na vida das ruas o seu espaço essencial; as diferenças na complexidade das massas são democratizadas no espírito do jogo, onde derrota ou vitória começam e terminam no encontro. Tanto nas apostas relativas aos jogos, quanto nas “flautas” costumeiras, o que menos interessa ao cidadão comum é o valor monetário: o importante é estabelecer um padrão de comunicação que permita uma interação, e transforme indivíduos fragmentados em grupos identificados, em um dado espaço e tempo.⁷

Os esportes tornam-se importantes no Brasil na virada do século XIX para o XX, refletindo aqui o que vinha ocorrendo na Europa. Toda

⁶ Novamente aqui, lembrando Dias (2012), deve-se pensar a que penetração do futebol teve diferentes sentidos, distintas “traduções” dependendo do local em que é recebido. Sevcenko (1992) analisa esse impacto na cidade industrial, modelo que tentamos adaptar aqui para a realidade de Novo Hamburgo.

⁷ O sociólogo Georg Simmel analisou justamente o desenvolvimento e as formulações que a modernidade exigiu e fomentou no início do século XX. Seu conceito de “formas sociais” explicita as soluções encontradas pelas sociedades individualistas modernas para se equacionarem à instabilidade metropolitana. As artes e os esportes se enquadram no conceito de “formas sociais”. Estas seriam criadas pelas sociedades e, ao longo do processo histórico, adquirem “vida própria” transformando-se em um *a priori* social. Ou seja: são modelos que passam a ser seguidos pelas gerações vindouras e organizam vários aspectos da vida social.

uma cultura pública que cultua a vida das ruas na literatura e depois em filmes são recebidas e traduzidas de diferentes formas no Brasil. Neste sentido, cabe salientar um artigo de Jesus (1999) que procura investigar a construção da modernidade no Rio de Janeiro através da introdução dos esportes no contexto daquela cidade. Segundo o autor, mesmo sendo uma cidade estabelecida sobre uma cultura colonial, onde até fins do século XIX a elite via o esforço físico como algo indigno, ou específico das classes mais baixas, a cultura esportiva tem rápida absorção na antiga capital do país. Nas palavras do autor:

Foi sem dúvida muito grande a receptividade da população carioca aos esportes na virada do século. Tal atitude se vinculava diretamente não apenas ao fato de estes representarem uma via para a vida saudável, mas sobretudo ao fato de constituírem um elemento civilizador do ideário burguês importado da Europa, em uma conjuntura em que ser moderno era desejar ser estrangeiro. (...) A adesão maciça aos esportes respondeu a um conjunto geral de profundas transformações na vida urbana, relacionadas ao advento da modernidade (JESUS, 1999, p. 29).

O futebol está totalmente inserido neste contexto histórico e, mesmo que tenha tido diferentes recepções simbólicas em distintos espaços geográficos, para uma cidade como Novo Hamburgo, que se valeu da modernidade como projeto identitário, adotar o futebol parece ter sido mais uma forma de inserir a cidade neste novo ambiente cultural.

Futebol e modernidade em Novo Hamburgo: “primeiro tempo”

A modernidade, enquanto projeto de uma utopia coletiva e amalgamadora da ordem social, foi amplamente incorporada no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Em discursos políticos, crônicas e reportagens jornalísticas e nos projetos urbanísticos, o “moderno” atuou como palavra de ordem e imbricou diferentes aspectos da vida urbana em torno de um motivo comum.

Quando de sua emancipação, em 1927, Novo Hamburgo assume e intensifica seu processo de modernização, mantém a tradição na produção de calçados e artefatos de couro em um processo que vai substituir, no entanto, o artesanato pela indústria a partir da década de 1930. A crescente pujança industrial propiciou a um número não desprezível de famílias hamburguenses uma considerável acumulação de riqueza (SCHEMES, 2006). O jornal “O 5 de Abril”, único semanário editado na cidade então, intensifica referências à modernização de Novo Hamburgo na busca aparente de afirmação do jovem município. Nesse sentido, são veiculadas opiniões do próprio prefeito, que sublinha a vocação desenvolvimentista da cidade, como na seguinte passagem: “[...] e se recorremos aos arquivos, podemos ainda verificar que este progresso

não é um fenômeno do momento, mas o resultado de um desenvolvimento, rápido sim, mas constante, regular e seguro” (JORNAL O 5 DE ABRIL, 1929, p. 1).⁸

Com o rápido crescimento industrial da jovem urbe, a modernização estética da cidade tem lugar. A elite local esmera-se em buscar consonância com os padrões “modernos” de beleza urbanística indicados pelos grandes centros. Economia, arquitetura e novas modas associadas ao moderno são constantemente veiculadas no jornal “O 5 de Abril”. Afirmar um cronista em fins da década de 20: “[...] justamente com o progresso da indústria, cresce, dia a dia, o número de edificações, em todo o território do município. Em toda a parte vê-se surgir modestos chalés aqui, sólidos prédios ali, e elegantes palacetes acolá” (JORNAL O 5 DE ABRIL, 1929, p. 1). As ideias modernas mostram-se profundamente arraigadas quando, na mesma coluna, o jornalista conclui sua assertiva: “[...] é deveras animador a perspectiva para o futuro que nos apresentam esses dados, sendo, porém, preciso que os hamburguenses se compenetrem de que, quanto mais adiantado o progresso, maiores esforços são necessários para mantê-lo neste nível [...]” (JORNAL O 5 DE ABRIL, 1929, p. 1). A “Cidade industrial” ou a “Manchester Brasileira”, denominações de Novo Hamburgo encontradas no principal periódico da cidade neste período², apressava-se para estar em dia com a estética que pretendia exibir aos seus visitantes.

Nesse sentido, a riqueza crescente proporcionada pela produção cada vez maior de calçados, destinados, sobretudo à capital do Estado e a outros centros urbanos brasileiros, transformava o município. A cidade, distante apenas 45 km da capital do Rio Grande do Sul, não podia ter um aspecto de colônia; necessitava de espaços urbanos e de sociabilidades que estivessem à altura de Porto Alegre.

Contudo, as demandas pelos novos modelos sociais também causavam reação de parcelas da população que observavam com ressalvas as inovações. O comentário de um cronista do jornal “O 5 de Abril” deixa transparecer, de forma crítica, que o futebol, em meio a outras novidades da cultura urbana moderna, fez parte de um processo mais amplo de transformação. Ao avaliar o comportamento feminino dos “novos tempos”, o cronista deixa pistas sobre as mudanças culturais da época:

Com o cinema, o tango, os piqueniques, o futebol, os chás dançantes e mil e uma novidades outras que tem revolucionado completamente os hábitos patriarcais do povo brasileiro, as moças das modernas gerações, especialmente ‘*après da guerra*’, se tornaram tão vivas, tão americanizadas, tão masculinas nos trajes, nos modos, nos pensamentos e nas ações que eu, acostumado às moças da minha

⁸ “O 5 de Abril”, foi um semanário que circulou em Novo Hamburgo de maio de 1927 a setembro de 1962, sendo, em boa parte desse período, o único veículo de imprensa escrita da cidade.

geração, que há 50 anos passados, não [...] ficavam [...] nos portões se sujeitando a bolinagens de namorados sem escrúpulos. [...] Recordo-me com saudade das moças antigas que não jogavam tênis, nem berravam como loucas nos campos de futebol. [...] Mas em compensação eram ótimas donas de casa, virtuosas esposas e exemplares mães de famílias, que faziam da casa um templo e do seu marido o único Deus verdadeiro na terra (JORNAL O 5 DE ABRIL, 1927, p. 1, grifo do autor).

Também associadas ao processo de expansão da cidade e com reflexos nas agremiações esportivas, as tensões entre os principais bairros denotavam alteridades econômicas e étnicas. Um exemplo bastante ilustrativo dessa ambiência consiste no fato de as duas principais localidades da cidade, Hamburgo Velho e Novo Hamburgo, terem desenvolvido nítida rivalidade. Ambos os territórios detinham boa parte da atividade comercial e fabril, e também dividiam os mais importantes espaços de sociabilidade, formando centros dispare. Duas cidades em uma: distintos “[...] cinemas, clubes e círculos sociais, bem como em cada uma estava fincada uma estação férrea e agência” (PRODANOV; MOSER, 2009, p. 5). Essa presença equitativa de infraestrutura e de locais de lazer nos dois bairros em questão acabou por criar uma acentuada rivalidade entre eles. Segundo observou um fotógrafo que se estabeleceu na cidade na década de 1940, “[...] moças de Hamburgo Velho não se casavam com rapazes de Novo Hamburgo, e vice-versa. Nem os comerciantes se davam muito bem” (FEIJÓ, 2009, p. 2). A disputa entre as duas regiões ultrapassava, como percebido, uma mera questão de competição comercial ou industrial. No entanto, diferenças em relação às periferias habitadas por distintos grupos étnicos gestam outras alteridades.

Esses dois territórios, geograficamente falando, estavam delimitados pelo curso do arroio Luiz Rau, o popular arroio “preto”, assim conhecido em virtude de sua quase imemorial poluição, que excluía dos benefícios civilizatórios da “Manchester Brasileira” parcelas importantes da população operária. Ou seja: a população de origem germânica de Hamburgo Velho e de Novo Hamburgo, para além de suas diferenças e rivalidades, farão do bairro “África” uma referência de alteridade. Esses “outros” terminam por legitimar e estabelecer os contornos de uma geografia simbólica, de uma elite e de uma etnicidade que perdurou do início do século até o final da década de 1940. Lembra Selbach (2009) neste sentido:

Do outro lado do arroio ficava a ‘África’, [atual bairro Guarani] assim alcunhada por ter sido inicialmente reduto de escravos. Diferente do centro, cuja organização e limpeza inspirava ares civilizados, no bairro em questão [...] gente humilde e simples, na maioria operários, voltavam das fábricas. [...] Também do outro lado do arroio ficava o antigo local conhecido como ‘Mistura’ [atualmente

chamado de bairro Rio Branco], reduto dos ‘brazillianers’ [denominação de brasileiros, carregada de preconceito], como eram chamados pelos alemães do centro aqueles que ali moravam (p. 46-47, grifo do autor).

Esse contexto de acentuada estratificação social, étnica e geográfica, refletiu-se nas práticas futebolísticas em Novo Hamburgo, reproduzindo o mapa da cidade através das agremiações de um esporte que perpassa os vários grupos sociais. Nesse contexto, no entanto, prosperariam obviamente os clubes com maiores condições econômicas, enquanto, nas periferias, a prática do futebol se daria de forma mais anárquica, livre e amadora. Assim, a rivalidade esportiva que vai ser destaque na imprensa e dividir torcedores representava as áreas prósperas da cidade: o Esporte Clube Novo Hamburgo (ECNH), que representa seu “território” pelo próprio nome, e o *Foot-Ball Club* Esperança, que aglutinava a população de Hamburgo Velho.

O primeiro clube de futebol da cidade foi fundado no dia 1º de maio de 1911, quando um grupo de ex-funcionários da Fábrica de Calçados de um dos empresários locais – Pedro Adams Filho, Manoel Lopes Mattos, José Scherer, AloysAuschild, Manoel Outeiro, João Tamujo e Adão Steigleder – criou a agremiação esportiva, de cores azul anil e branco. Nascia, assim, dos sentimentos de trabalhadores das nascentes empresas calçadistas, distantes dos tradicionais clubes da cidade, o Esporte Clube Novo Hamburgo (PRODANOV; MOSER, 2009).

Três anos após a fundação do ECNH, foi fundado o *Foot-Ball Club* Esperança (FBC Esperança) em 10 de maio de 1914 por um grupo de trinta e oito comerciantes e industriais da localidade de Hamburgo Velho, núcleo inicial da colonização teuto-brasileira em Novo Hamburgo, que representavam a elite tradicional do “Hamburguer Berg”, que foi a primeira denominação dada a Hamburgo Velho:

Os fundadores do FBC Esperança, diferentemente do seu maior rival, o Esporte Clube Novo Hamburgo, eram, em grande parte, proprietários de estabelecimentos fabris e comerciais de Hamburgo Velho. Desse modo, essa elite local sentia a necessidade de possuir um time de futebol próprio, para poder sentir-se em pé de igualdade com a localidade vizinha – e rival – de Novo Hamburgo (PRODANOV; MOSER, 2010, p. 6).

Esta cisão representava o distanciamento que então se verificava entre a cidade antiga e sua elite, com a região “nova” e mais moderna. O surgimento de novas lideranças neste “outro” território fomenta um recorte simbólico expresso também no futebol.

Ao longo dos anos 1930, ocorreu o acirramento da rivalidade entre o Esperança e o Novo Hamburgo. Muitas decisões de campeonatos municipais eram, inclusive, frequentemente questionadas através da imprensa e da Associação Hamburguesa de Esportes Amadores – AHEA,

criada com o objetivo de regular e mediar as disputas entre os diversos clubes futebolísticos existentes na cidade, e que disputavam o Campeonato Municipal, o principal certame anual (PRODANOV; MOSER, 2011). Esse acirramento fazia crescer a popularidade do futebol na cidade, e um número cada vez maior de torcedores afluía aos estádios do Novo Hamburgo e do Esperança para assistirem às partidas, como pode ser visto na fotografia abaixo:



Fotografia da torcida de um jogo entre o ECNH e o FBC Esperança, nos anos 1940 (Acervo Ângelo Reinheimer)

Os clubes de futebol terminam também por organizar os eventos sociais nos moldes dos clubes mais tradicionais, como noticia o semanário da época: “[...] a realização de um animado baile, na Sociedade Gymnástica de Novo Hamburgo, pelos festejos do 24º aniversário do S.C. Novo Hamburgo” (JORNAL O 5 DE ABRIL, 1935, p. 3) ou o “[...] concorrido ágape cultural que o F.B. Esperança promoverá nas dependências da Sociedade *Froshin* [atual Sociedade Aliança]” (JORNAL O 5 DE ABRIL, 1935, p. 4). Futebol, baile e festas cívicas se imbricam em uma mesma dinâmica.

Por outro lado, assim como o Arroio Luiz Rau separava a Novo Hamburgo “civilizada” da “África” e da “Mistura”, os negros e pessoas de menor poder aquisitivo não participavam desta rivalidade, bem como de seus “concorridos bailes”, ficando “no outro lado do arroio” também pelo agendamento da imprensa (KERBER; SCHEMES; MAGALHÃES, 2008). Dentro do Jornal “O 5 de Abril”, raras são as ocasiões em que aqueles que ficavam do outro lado do arroio tinham espaço em suas diferentes colunas, reforçando-se, assim, a exclusão e a busca incessante pela “limpeza” em Novo Hamburgo, seja dentro das quatro linhas de um gramado de futebol, na crônica esportiva, ou nos salões requintados, onde a alta sociedade local bailava ao som de orquestras.

No contexto hamburguense dos seus primeiros anos após o desmembramento político de São Leopoldo, a “Germanidade” passa a ser

um discurso etnicamente unificado na mídia de Novo Hamburgo, a despeito e acima das cisões internas. Neste contexto, a presença negra ou mestiça é entendida como a presença do “outro”: alteridade típica de uma lógica étnica. Neste sentido, Magalhães (2010) afirma que

Talvez a existência do *África*, na cidade, ocasionasse ‘um constrangimento’, visto que a cidade de povo ordeiro e trabalhador, cujo ato heróico de seus antepassados serviu de fomento ao progresso, contemplava, no conjunto de seus bairros, um espaço carregado de significados. Afinal, África lembrava ‘a face negra’ na cidade. Talvez o África remetesse à memória dos tempos que antecedem a imigração alemã, além do trabalho negro nas colônias alemãs (p. 91, grifo da autora).

Dessa maneira, embora tenha sido fundado em 1922, portanto cinco anos antes da emancipação da cidade, o Clube Cruzeiro do Sul (localizado no atual bairro Primavera, distante do centro dos “alemães”), que inclusive possuía um atuante departamento futebolístico participando de campeonatos municipais de futebol, não aparece em nenhuma das “Notas Sportivas” nos anos analisados, mesmo sendo a mais forte e atuante associação para negros que existiu (e atualmente ainda existe) na cidade de Novo Hamburgo (MAGALHÃES, 2010). Com isso, há uma constante reprodução, nas páginas dessa coluna do jornal “O 5 de Abril”, de uma cidade ligada somente à etnicidade alemã, inclusive nas páginas de crônica esportiva de seu único periódico semanal.

A incorporação do ideário moderno em Novo Hamburgo e a assunção discursiva de um projeto de desenvolvimento econômico são traços nítidos na imprensa da época. Os esportes em geral e o futebol em particular refletiam tanto a secularização moderna, exemplo dos grandes centros irradiadores, quanto as divisões reais e simbólicas daquela sociedade. Dessa forma, a exposição de determinados grupos e o silêncio em relação a outros na mídia esportiva são fragmentos de um mesmo e sempre tenso processo de “negociação da realidade”, inerente à cultura moderna.

Os problemas e os conflitos são, assim, também próprios da instável lógica das sociedades modernas. Daí porque se noticiar um “apelo” para que os jogadores e as torcidas não enveredem para violência, prática que já causava preocupação. A AHEA, neste sentido, publica nota demonstrando apreensão com a abertura do torneio municipal e a possibilidade de violência por parte dos torcedores. Diz a nota:

Realizar-se-á, domingo próximo, o tão ansiosamente esperado torneio início da ‘AHEA’ [...] Acompanhando o seu favorito, se movimentará a enorme falange de torcedores dos três clubes digladiantes, afluindo em massa a praça de desportos [...]. Seria doloroso para nós aqui desta coluna, dizermos que as primeiras letras desta

fulgurante página que a entidade local pretende escrever, sejam apenas manchas negras. A ela compete zelar pelo nosso bom nome desportivo e pugnar pelo engrandecimento do futebol em nossa terra [...]. Prevemos, e nisso temos absoluta certeza, que, se um incidente surgir num dos encontros de domingo próximo, não será obra daqueles que, envergando as cores do seu quadro, ali estão com um único desejo, conquistar mais um título honorífico para seu clube. [...]. Apelamos para outro fator, culpando sempre os incidentes que surgem ‘extra-field’: a torcida. [...] Torcem e torcem muito [sic], porque uma torcida com entusiasmo só pode incitar os jogadores, mas não esqueçam que devem torcer dentro das boas normas da lealdade e da cordialidade (JORNAL O 5 DE ABRIL, 1931, p. 3).

O futebol une, cria “círculos sociais”, estabelece uma linguagem comum a distintos grupos sociais e, ao mesmo tempo, também é uma expressão de diferença e conflito. Todavia, as tensões e disputas entre os grupos identificados com um ou outro time parecem ser parte da lógica do futebol enquanto sociabilidade moderna: não são “negativas” ou “positivas”, mas constitutivas do encontro, do “estar junto” em sociedades individualistas. O futebol assim, desde seus primeiros movimentos no sul do Brasil, parece ter funcionado como meio de canalização de energias contidas ou dispersas, espaço para construção de identidades e de ordenação social.

Na aurora das sociedades urbanas e modernas do Estado do Rio Grande do Sul, esta nova tradição cultural se impõe às antigas formas porque gestada no individualismo moderno. Assim, o processo de sua institucionalização no cotidiano das principais cidades do Estado foi um processo relativamente rápido, adequando-se aos contextos regionais. No caso específico de Novo Hamburgo, o futebol foi assimilado tanto pela tradição clubista da cultura teuto-brasileira de origem europeia, quanto pelos grupos mestiços e negros que normalmente que viviam em condições econômicas inferiores. Um exemplo desse processo de assimilação desta tradição pode ser depreendido na imagem abaixo:



Flagrante de uma partida entre o FBC Esperança contra o Grêmio FBPA, em 1941. (JORNAL O 5 DE ABRIL, 1941, p. 4)

A fotografia registra a vitória do time hamburguense contra o Grêmio Porto-Alegrense, ressaltando assim que, nos anos 1940, cidades do interior já possuíam relevância no cenário futebolístico sul-riograndense. Os times das cidades “coloniais” como Novo Hamburgo e Caxias do Sul, na época, criavam segundas dificuldades aos times da capital do estado, demonstrando um equilíbrio maior naquele período do que nas décadas atuais (PRODANOV; MOSER, 2009).

Em meio ao processo de modernização da cidade, que imbricou realizações materiais com um discurso ufanista, o futebol é incorporado também como símbolo dos novos tempos. Os conflitos simbólicos e as disputas econômicas e étnicas são facilmente observáveis através do futebol neste “primeiro tempo” da cidade; separa-se novos e antigos teuto-brasileiros entre si, por bairro e clube de futebol, como se separam estes dos negros de um outro bairro e de um outro time. Entretanto, o futebol como “uma forma lúdica de socição” faz do próprio conflito sua lógica de ser e transfere as tensões objetivas para uma arena simbólica: a luta vira jogo e as diferenças sociais são reafirmadas enquanto rito, enquanto sociabilidade. A cidade, ao incorporar os padrões individualistas modernos, como diz Simmel (1983), precisou das “formas de sociabilidade” para manter as diferenças econômicas e estamentais dentro de determinados padrões. O futebol em Novo Hamburgo, no início do século XX, parece ter cumprido esse papel.

Referências

BEHREND, Martin Herz. *O 5 de Abril*. Porto Alegre: Metrópole Ind. Gráfica, 2002.

BEHREND, Martin Herz. *O 5 de Abril: o primeiro jornal de Novo Hamburgo*. Novo Hamburgo, 2002.

DAMO, Arlei. *Ah! Eu Sou Gaúcho! O Nacional e o Regional no Futebol Brasileiro*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 87-118, 1999.

DIAS, Cleber. *O esporte e a cidade na historiografia brasileira: uma revisão crítica*. Revista Tempo, Belo Horizonte, vol.19, nº34. Out. 2012.

FEIJÓ, Alceu Mário. *Depoimento* [jul. 2009]. Novo Hamburgo: 2009, p. 2.

GOMES, Ângela de Castro. *O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito*. Tempo, Niterói, v. 1, 1996, p. 31-58.

GUZZELLI, César Augusto Barcellos. *500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da "província de chuteiras"*. Anos 90, Porto Alegre, v. 1n. 13, jul. 2000.

GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: UFF, 1998.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro*. Revista Estudos Históricos, nº23, 1999.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *Futebol, globalização e identidade local no Brasil*. Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista Digital. Buenos Aires, ano 8, n.57, 2003.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *Imigrantes desportistas: os alemães no sul do Brasil*. Scripta nova: revista electrónica de geografia y ciencias sociales. Barcelona, v. 1, n. 94, ago. 2001. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn-94-108.htm>>. Acesso em: 16 abr. 2011. *Jornal 5 de Abril*, Novo Hamburgo/RS, 1927 a 1951.

KERBER, Alessandro Mario; SCHEMES, Claudia; MAGALHÃES, Magna Lima. *O futebol e a identidade negra em um espaço germânico*. Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista Digital. Buenos Aires, ano 13, n.121, jun. 2008.

LAITANO, Claudia. *Arca de Blau: memórias Carlos Reverbel*. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1993.

MAGALHÃES, Magna Lima. *Entre a preteza e a brancura brilha o Cruzeiro do Sul: associativismo e identidade negra em uma localidade teuto-brasileira* (Novo Hamburgo/RS). São Leopoldo, 2010. 219 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, p. 91, grifo da autora.

MARONEZE, Luiz Antônio Gloger. *Espaços de sociabilidade e memória: fragmentos da “vida pública” porto-alegrense entre os anos 1890 e 1930*. Porto Alegre, 1994, 130 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1994.

MÁXIMO, João. *Memórias do futebol brasileiro*. Estudos Avançados, v. 13, n. 37, p. 179-188, 1999, p. 183.

O 5 DE ABRIL. *Notas Sportivas*. Novo Hamburgo: Typographia Behrend, diversos anos.

PESAVENTO, Sandra. *O imaginário da cidade*. Visões literárias do urbano. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

PETRY, Leopoldo. *O Município de Novo Hamburgo*. Monografia. Porto Alegre: Edições A Nação, 1944.

PRODANOV, Cleber Cristiano. *O futebol no extremo sul do Brasil e sua chegada na região alemã de Novo Hamburgo*. Lecturas: Educación Física y Deportes. Revista Digital. Buenos Aires, Ano 13, n.122, jul. 2008.

PRODANOV, Cleber Cristiano; MOSER, Vinicius. *Estado Novo e futebol: a região italiana do Rio Grande do Sul*. Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista Digital. Buenos Aires, ano 14, n.140, ago. 2010, p. 6.

PRODANOV, Cleber Cristiano; MOSER, Vinicius. *Marcas de uma história, marcas do futebol: o Foot-Ball Club Esperança*. Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista Digital. Buenos Aires, ano 14, n.152, jan. 2011.

PRODANOV, Cleber Cristiano; MOSER, Vinicius. *Marcas de uma história, marcas do futebol: o Foot-Ball Club Esperança*. Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista Digital. Buenos Aires, ano 14, n.135, ago. 2009.

Recorte: Revista de linguagem, cultura e discurso, Belo Horizonte, ano 5, n. 9, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.unincor.br/recorte/artigos/edicao9/9_artigo-marcelino.html>. Acesso em: 29 abr. 2011.

SCHEMES, Claudia et. al. *Memória do setor coureiro-calçadista: pioneiros e empreendedores do Vale do Rio dos Sinos*. Novo Hamburgo: Feevale, 2005.

SCHEMES, Claudia. *Pedro Adams Filho: empreendedorismo, indústria calçadista e emancipação de Novo Hamburgo. (1901-1935)*. Porto Alegre, 2006. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SELBACH, Jéferson Francisco. *Novo Hamburgo 1927-1997: os espaços de sociabilidade na gangorra da modernidade*. Porto Alegre: 1999. 370 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 44, grifo do autor.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo nos frementes anos 20*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Marcelino Rodrigues. *A massa faz 100 anos: futebol e sociedade em BH hoje*.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SIMMEL, Georg. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983, p. 173.

Recebido em 05 de março de 2015

Revisado em 18 de julho de 2015

Aceito em 04 de agosto de 2015